

//Escola Secundária de Paredes//

PONTO FINAL

//Jornal Mensal//Número Dois//Novembro de 2010//

Editorial
Uma Escola Nova em Números
Jornal Preto no Branco
3 Perguntas a Luís Mendes
Clube de Espanhol
Visita de Estudo à Quinta da Aveleda
Dia Mundial da Filosofia
As Três Cidras do Amor
Crónica
Notas para a História da Escola Secundária de Paredes
Conferência
Clube de Leitura
English Corner
Humor
Hedda
Biblioteca
Provérbios de Novembro
Poesia
Pelo Prazer de Saber
Semana da Orientação
Adivinhas
Gripe "A" ou não Há?
A Inteligência

UMA ESCOLA NOVA EM NÚMEROS

Repare bem nestas quantidades gastas na construção/
remodelação/requalificação :

Cortiça : 843,50 m²
Mosaico Pavimento : 4.197,50 m²
Azulejo Paredes : 4.338,50 m²
Betão : 4.984,77 m³
Aço : 601.465,24 kg
Cabos Eléctricos : 71.678,00 ml
Movimento de Terras : 20.149,72 m³
Argamassas : 2.067,00 ton
Tijolos Cerâmicos : 125.440,00 uni
Blocos de Betão : 32.810,00 uni
Vidro Duplo : 2.401,50 m²
Pavimentos Vinílicos : 6.105,50 m²
Painéis de Revestimento Exterior : 2.815,50 m²

Veja ainda estes equipamentos :

2409 : Cadeiras
1936 : Mesas
130 : Armários
128 : Quadros
250 : Recipientes para papéis/guarda-chuvas

EDITORIAL

Neste segundo número, o Jornal Ponto Final continua a dar visibilidade e voz aos trabalhos dos diversos membros da comunidade educativa.

Esse é o sentido que norteia a sua existência.

A tendência será de melhoria gradual em todos os aspectos. Para isso contamos com a boa vontade de todos quantos queiram colaborar.

O Jornal Ponto Final, em pdf, está alojado no Portal da Escola Secundária de Paredes, para mais facilmente ser consultado e lido.

Deixamos um apelo aos Antigos Alunos da Escola Secundária de Paredes: participem na construção da memória afectiva da Escola, com textos, desenhos ou fotografias!



JORNAL PRETO NO BRANCO

No número anterior, a Professora Olinda Loureiro traçou uma pequena história dos jornais que existiram na ESP, contribuindo para que a memória desses trabalhos não fique delida por um tempo tão apressado quanto desleixado.

Dentro da mesma perspectiva, gostaria de evocar, em linhas muito gerais, o jornal Preto no Branco, que existiu no ano de 2007/2008, na ESP.

Era o jornal de uma Turma, o 12º B, e teve a sua génese na disciplina de Área de Projecto. Todo o jornal foi gizado, planeado e executado com os recursos existentes na ESP, cabendo aos alunos a liderança efectiva do processo criativo, incluindo as artes informáticas e gráficas. Ao Professor coube a parte mais fácil, isto é, a supervisão geral da motivação.

Foram publicados seis números do Jornal Preto no Branco : (Nº 1, 16 pp. : Dezembro 2007 ; Nº 2, 20 pp. : Janeiro 2008 ; Nº 3, 20 pp. : Fevereiro 2008 ; Nº 4/5, 36 pp. : Março-Abril 2008 ; Nº 6, 32 pp. : Maio 2008), incluindo duas Separatas contendo trabalhos literários.

Fixo para a história dos jornais da ESP, o nome dos alunos e das alunas que ergueram este projecto do nada, com brio, responsabilidade e boa disposição : Luís Miguel Teixeira (o Director do jornal), Bárbara Pacheco, Rui Pinheiro, Sandra Nogueira, Carlos Sousa, Inês Magalhães, Paula Santos, Sofia Moreira, Filipa Aguiar, Nuno Passos, Edgar Silva, Maria Gabriel Passos, Luciana Ferraz, Diogo Moreira, David Ferreira, Cláudia Mateus, Ana Paula Silva, Solange Ribeiro, Nelson Silva, Bruna Silva, Helder Seabra, Tiago Soares e Flávio Ribeiro.

Bem hajam !

António Aresta

3 PERGUNTAS A LUÍS MENDES

Ponto Final: Como é que surgiu a motivação para realizar o Monumento ao Professor?

Luís Mendes: O Monumento ao Professor, foi um convite que a Câmara Municipal de Paredes me fez, para o idealizar, conceber e enquadrar de acordo com o local de implantação.

P. F.: Pode explicar o simbolismo daquela obra de arte?

L.M.: O relevo em bronze com três figuras, tem uma leitura descodificada; um professor a ensinar um aluno e uma aluna a ler. Na base, em granito, a rampa significa os professores e alunos com dificuldades motoras, os degraus, significam os diferentes graus de ensino, desde o pré-primário até à universidade; a parte superior da coluna central em granito cortado irregularmente, tem apenas razão estética e contrastar com as faces lisas do monumento.

P. F.: Que outros trabalhos tem concebido e executado?



L.M.: Várias exposições de pintura e escultura, individuais e colectivas, onde nos trabalhos predominam temas regionais, humanos e sobretudo religiosos. A última exposição teve lugar no Museu de Arte Sacra e Etnologia de Fátima com o título “Cristos”. Sou autor de vários monumentos espalhados pelo país, onde destaco a escultura do Padre Américo na cidade de Setúbal e de várias medalhas comemorativas em bronze, estanho e prata.

Nota Curricular:

- Nasceu em Paço de Sousa – Penafiel em 1961
- Curso de Artes Visuais da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis – Porto, 1983
- Professor de Trabalhos Manuais (Cerâmica) no Ensino Especial – Emaús, Baltar.
- Reside e tem atelier próprio em Cête, Paredes.

Ficha Técnica

Jornal Ponto Final

Publicação Mensal
Nº 2 Novembro 2010

Impressão

Reprografia da
Escola Secundária de Paredes

Propriedade

Escola Secundária de Paredes
Rua António Araújo , s/n
4580-045 Paredes
Portugal
e-mail : jornal.final@esparedes.pt

Coordenação-Geral

Professor António Aresta

Direcção Gráfica

Professor Moisés Duarte
Professor Rui Espírito Santo

Colaboram neste número

Ana Lourenço
António Aresta
Beatriz Soares
Catarina Babo
Daniela Silva
Delminda Gonçalves
Francisco Queirós
Helena Estrela
Horácio Melo
Hugo Pinho
Inês Costa
Jessica Silva
João Dias
Mafalda Lúcio
Olga Brochado
Olinda Loureiro
Paula Silva
Sara Costa
Soraia Santos
Turma 11º G

Os textos assinados reflectem
a opinião dos seus autores.

CLUBE DE ESPANHOL

Un hermano puede no ser un amigo, pero un amigo será siempre un hermano.

Demetrio.

E com esta frase convido-vos a visitar, a comentar, a desfrutar do Clube de Espanhol da Escola Secundária de Paredes.

¡Bienvenidos!

Creo que con los amigos de verdad se puede disfrutar hablando de lo más trivial y al instante abrir el corazón sin tapujos. En una era de las mil y una maneras de comunicación, paradójicamente, no es difícil sentirse solo. Esto porque la vorágine actual de mensajes cortos de móvil, internet...y otros medios más, de hecho facilita el contacto inmediato y superficial entre muchas personas, pero no la verdadera comunicación que lleva a la amistad. Ésta sólo se forja con mucho tiempo y paciencia y requiere toda nuestra capacidad para escuchar, así como un esfuerzo para ser sinceros.

Sabéis que si los miráis a los ojos es posible sentir, tal vez, por unos segundos, la magia de las pequeñas cosas y cómo el mundo entero cobra sentido.

Con la edad tendremos a creer que lo sabemos todo, nos volvemos más reservados, maniáticos, individualistas... Por eso, compartid las inquietudes con un AMIGO, es bueno para liberar las tensiones cotidianas y potenciar nuestra autoestima.

La Amistad es, probablemente, la experiencia más única, más verdadera que nos permite comprender que somos diferentes de los demás y descubrir así nuestra singularidad.

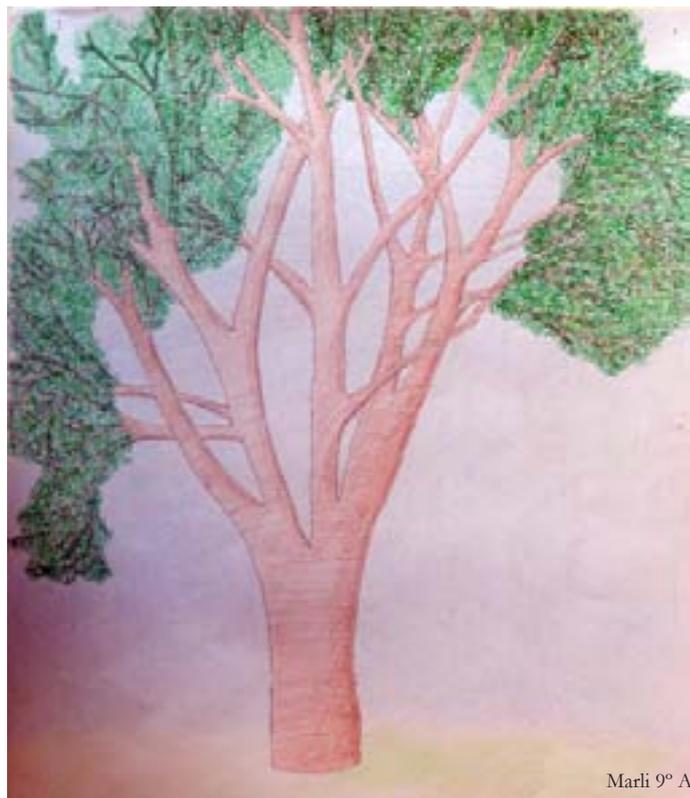
Soraia Santos

O Clube de Espanhol tem como principal objetivo incentivar os alunos a participarem nas atividades propostas nas aulas de espanhol e, conseqüentemente, motivá-los na aprendizagem desta língua. Convido-vos a participarem, a comentar e dar sugestões ao Clube de Espanhol através do nosso Blog:

(<http://adios-portunhol.blogspot.com/>) destinado, essencialmente, à divulgação de todas as actividades realizadas pelo Clube ou através da Página do Facebook.

ÁRVORES

Exercícios de desenho efectuados nas aulas de Educação Visual respetivamente no 7º C e no 9º A.



ENGLISH CORNER

Escolhe a opção correcta.



My wife told me to carry this / that.



That funny noise gets / is getting louder.



“No, he’s not our / ours! We thought you’d brought him!”

VISITA DE ESTUDO À QUINTA DA AVELEDA

No dia 27 de Outubro, pelas 14 horas, no âmbito da disciplina de Geografia, deslocamo-nos a pé à Quinta da Aveleda.

Nesta visita participaram as turmas 11ºG e 11ºF com as professoras Delminda e Raquel, o professor Hugo e o Núcleo de Estágio.

A Quinta da Aveleda foi fundada no século XVI. Diz-se que Aveleda será o nome de uma profetisa que ficou na tradição dos povos germânicos como símbolo de todas as mulheres que predizem o futuro - as Velledas - e que, para engrandecer o seu povo, eram sacrificadas aos deuses. Seria aqui a morada de uma tal profetisa.”

Aveleda é uma empresa familiar que há mais de três séculos é dirigida e orientada por gerações da mesma família, cujo talento foi desde sempre voltado para a produção de vinhos com a qualidade e cuja fama desde há muito ultrapassou as nossas fronteiras. Localiza-se em Guilhufe, Penafiel e tem uma dimensão de 200 hectares dos quais 170 são vinha.

Por todo o parque podem ser apreciadas a casa do chá, a casa romântica, a fonte da Nossa Senhora da Vandoma, o brasão da família e a grandiosidade da casa principal e podemos observar os excêntricos jardins, onde vimos um eucalipto que se pensa ter mais de 300 anos e que também foi um dos primeiros a aparecer em Portugal.

A quinta produz vinhos e queijos. Em média produzem 200 queijos por dia, este têm como tempo de cura 30 dias, excepto no Natal em que a procura é muito grande e, por vezes, os tempos de cura reduzem em função da procura e dos prazos de entrega. Normalmente, o queijo é vendido no norte do país, mas a maior parte é vendida na loja da Aveleda.

O leite utilizado nos queijos é produzido na própria quinta. Existem 88 vacas em produção e estas produzem 2300 litros de leite por dia. À Quinta da Aveleda só interessam fêmeas, porque são as únicas capazes de produzir leite. Foi referido pelo responsável que na Quinta já tiveram uma vaca que viveu cerca de 14 anos e chegou a produzir 70 litros de leite por dia.

Para além dos queijos, a Quinta da Aveleda também

produz em grande quantidade vinhos verdes. A empresa está presente em mais de 90 países de todos os continentes. O vinho Casal Garcia constitui o vinho verde mais exportado e ao mesmo tempo o vinho branco português mais vendido em todo o mundo. Quinta da Aveleda, Aveleda Fonte, Charamba e Follies são as principais marcas actualmente produzidas pela Aveleda. O nome Casal Garcia advém do nome de uma das parcelas da propriedade que ainda hoje é conhecida por este mesmo nome e na qual se continua a produzir uvas utilizadas na produção do vinho Casal Garcia.

A imagem de Casal Garcia sempre se manteve fiel às suas origens. O seu rótulo representa uma renda antiga da família e simboliza a ligação à história da Aveleda e à tradição. Por isso mesmo o brasão da família Guedes está também presente neste rótulo. São produzidos 8 milhões de garrafas por ano, sendo a maior parte para exportação. A marca é bem conhecida dos portugueses, nomeadamente pelo ‘slogan’ “haja alegria, haja Casal Garcia”, sendo líder de mercado na Região dos Vinhos Verdes. Podemos ainda observar a extensa vinha cultivada em bardos ou cordões.

Todos apreciamos esta visita de estudo, vivemos um ambiente de descontração. Esta actividade serviu para melhorar as relações interpessoais; desenvolver o espírito de grupo e de entreajuda; desfrutar do contacto com o Meio Rural, através da caminhada; desenvolver uma relação harmoniosa com o espaço rural e ainda nos permitiu consolidar alguns conhecimentos adquiridos e trabalhados na sala de aula sobre As Áreas Rurais em Mudança.

Turma, 11º G



DIA MUNDIAL DA FILOSOFIA

Em 2002, a UNESCO instituiu a celebração do Dia Mundial da Filosofia, na terceira quinta-feira do mês de Novembro de cada ano, ciente da importância que o questionamento filosófico assume para o diálogo entre os povos.

“ Declaração de Paris em Prol da Filosofia (fragmentos)

(...)

Entendemos que a reflexão filosófica pode e deve contribuir para a compreensão e orientação das preocupações humanas ; consideramos que a actividade filosófica, que não retira nenhuma ideia à livre discussão, que se esforça por precisar as definições exactas das noções utilizadas, verificar a validade dos raciocínios, examinar com atenção os argumentos dos outros, permite a cada um aprender a pensar por si mesmo ; sublinhamos que o ensino filosófico favorece a abertura de espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre grupos.

Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos, capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância, contribui para a paz e prepara cada um para assumir as suas responsabilidades perante as grandes interrogações contemporâneas, designadamente no domínio da ética, julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino em vida cultural, contribui de forma importante para a formação de cidadãos, exercendo a sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda a democracia “.

A Escola Secundária de Paredes, através da acção dos seus Professores de Filosofia, tem procurado sensibilizar a comunidade educativa para a importância e o valor formativo e cultural que a Filosofia representa.

Entre outras actividades, merece realce o “Prémio de Ensaio Filosófico Dalila Lello Pereira da Costa”, destinado aos estudantes do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, e que já vai na sua terceira edição.

PONTO
FINAL.

TEMEROSO PERCURSO

Vida : conceito que nos faz pensar
Em tudo aquilo que experimentamos.
Emoções parecem não terminar
Nos mais diversos momentos por que passamos.

Assemelha-se às ondas do mar,
O nosso temeroso percurso de vida:
Inicia-se num momento peculiar
E finda logo de seguida.

Como o Ser Humano, cada onda é única e singular.
Esta ganha força com o vento,
Mas quando colide com um rochedo a ultrapassar,
Fica débil a partir desse momento.

Perde velocidade,
No entanto derrota o obstáculo.
Continua a sua viagem com dignidade,
Embora com menos espectáculo.

Enrola e desenrola,
Ganha força de novo mas volta a perder.
No entanto não se desola,
Afim ainda tem um longo caminho a percorrer.

A costa começa a aparecer,
A intensidade da onda é cada vez menor.
A areia principia a descrever
Um caminho ainda mais aterrorizador.

Por fim a onda rebenta,
Chegando o seu percurso ao fim.
O seu caminho de tormenta
Termina então assim.

Nunca mais nesse em nenhum mar se formará
Uma onda a esta igual.
Ela, então, depressa se assemelhará
À nossa vida que de todas as outras é desigual.

Tal como as ondas marítimas,
Atravessamos obstáculos e tornámo-nos mais resistentes.
Afim também somos vítimas
Deste mundo em que restam poucos sobreviventes.

AS TRÊS CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um Rei que vivia num palácio com os seus criados e com o príncipe, estando sempre acompanhado pelo mago e pelo trovador.

Andava muito triste e desanimado, pois estava velho, já não tinha a sua querida rainha e principalmente porque o seu filho, o príncipe e futuro rei, não se queria casar e assumir os seus deveres à frente do reino. A este, apenas lhe interessava caçar na floresta e divertir-se, sem ter que se preocupar com nada.

Um dia, o príncipe decidiu ir à caça, acompanhado pelos seus fiéis criados, e pelo caminho derrubaram vários monstros, dos quais dragões e outros do mesmo género.

Até que apareceu uma velha que lhe pediu comida, pois estava cheia de fome. Ora eles traziam mantimentos para a viagem, mas como viram que a velha passava muitas necessidades, acabaram por lhe dar todos os alimentos que tinham guardado. Como forma de agradecimento, a velha deu ao príncipe três cidras e disse-lhe que só as deveria abrir junto a uma fonte.

Os caçadores continuaram o seu caminho, mas a curiosidade falou mais alto, e decidiram abrir a primeira. De lá de dentro, saiu uma menina muito bonita que lhe pediu água porque senão morreria. Não tinham água, e a menina acabou por morrer. Relativamente à segunda cidra, aconteceu exactamente a mesma coisa do que à primeira. Então, o príncipe só abriu a terceira e última cidra, quando encontrou uma fonte, que serviu para dar à menina de beber. Esta acabou por sobreviver.

O príncipe ficou completamente apaixonado pela menina, pois possuía uma delicadeza e beleza únicas. Disse-lhe para esperar em cima de uma árvore (para ninguém a ver), enquanto ia buscar uma carruagem para a levar para o palácio e para a apresentar ao Rei, que ficaria muito feliz por saber desta notícia.

Entretanto, apareceu uma preta que ia buscar água à fonte, e vendo o reflexo da menina na água, falou com ela e chamou-a para descer da árvore. Fingiu estar a pentear-lhe os cabelos, e de repente, espetou-lhe um alfinete na cabeça, transformando-a numa pomba, que acabou por fugir.

Quando chegaram, acharam estranho a transformação física da preta, mas ela deu uma justificação do sucedido.

Dirigiram-se ao palácio, e o príncipe sentia uma enorme vergonha, pois o aspecto da preta era simplesmente horrível.

Uma pomba passou pelo jardim e perguntou ao jardineiro como é que as coisas estavam a correr entre o príncipe e a preta.

O jardineiro achou esta atitude muito estranha, e foi contar o que aconteceu ao príncipe, que começou logo a desconfiar.

Depois disto, tentaram apanhar a pomba para poderem falar com ela e esclarecer tudo. Para isso, serviram-se de laços para a agarrar, mas apenas conseguiram à terceira. O príncipe reparou no alfinete que estava espetado nela e tirou-lho. Transformou-se novamente na bela menina que tinha visto pela primeira vez.

A menina explicou o que lhe acontecera e o príncipe levou-a para o palácio como sua mulher. Para castigar a Preta, a menina pediu que se fizesse da sua pele um tambor e dos seus ossos uma escada para poder descer ao jardim. O príncipe assim o fez e viveram felizes para sempre.

(Resumo da peça de teatro *As Três Cidras do Amor* de Y. K. Centeno)

Jessica Silva. 11º F



Beatriz 10º I



CRÓNICA

Por dever de ofício, o primeiro texto que escrevi neste jornal tinha a forma de uma mensagem à comunidade escolar. Começava com um texto que ouvi do meu professor Adalberto Dias de Carvalho – um conto árabe, uma daquelas histórias pequenas, borgesianas, que cortam a respiração, e que espero tenha ficado na memória dos leitores do ponto final.

Lida a história, numa aula de epistemologia, o longo silêncio que se seguiu foi quebrado pelo professor. Explicou que estávamos perante uma duplicação do real: o Vizir, para escapar ao destino traçado, construiu uma realidade à qual atribuiu mais realidade do que ao próprio real. E foi atraído. A realidade assegurou o cumprimento do destino que, por ser inelutável, provoca e alimenta a duplicação do real.

Claro que a história apela a uma interrogação óbvia sobre o determinismo do destino. De resto, foi esse o caminho que segui na crónica anterior. Mas o que releva maior importância é mesmo a questão da duplicação do real. Não no sentido infantil da criação de uma fantasia mas como marca que imprime carácter à pós-modernidade. Como sinal de negação da invariância entre sujeito e objecto.

Em Matemática, chamamos isomorfismos a estruturas independentes cujo comportamento é de tal modo semelhante que conhecendo as propriedades de uma conseguimos deduzir as propriedades da outra. Se este conceito pudesse ser alargado à estética, atrever-me-ia a dizer que o belíssimo poema “Eros e Psique”, de Fernando Pessoa, é isomorfo ao conto de Samarcanda.

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

A perturbação que ambos os textos criam deve-se à incapacidade de neles distinguirmos o direito e o avesso. Onde esperávamos uma folha limpa de papel, e para aí somos dirigidos com mão de mestre – manipulação maravilhosamente encenada – encontramos uma dobra a tal ponto singular que as duas páginas da folha são, afinal, uma só. Depurando-os, vemos à nossa frente a famosa tira de Moebius e inquieta-nos que o real duplicado seja a ausência do real.

Francisco Queirós

Notas para a História da Escola Secundária de Paredes

O **Jornal Ponto Final** publica o depoimento do Sr. Dr. Horácio Dá Mesquita e Melo, Vice-Reitor da Secção Liceal de Paredes do Liceu Garcia de Orta, do Porto :



É com todo o prazer que me disponho a colaborar na reconstituição da história da Escola Secundária de Paredes, recorrendo a memórias.

Só lamento não poder satisfazer ,por completo, todas as questões que põe, porque algumas exigiriam datação específica. Ora no decurso do tempo e nas mudanças surgidas alguns documentos foram desaparecendo e com eles essas referências.

Por outro lado, não era hábito fazer registos pessoais, como a partir de certa altura passaram a ser fundamentais, com as alterações verificadas no sistema educativo e com o aparecimento do estatuto da carreira docente e da respectiva avaliação de desempenho.

Concordo consigo quando refere que é indesculpável perder-se a memória do que fizemos, do que somos e do que valemos.

Do que fizemos, no que me toca, vai-se atizando a memória e, ao correr da pena, o cenário nasce como se fosse ontem.

Nasci em Benguela, onde o meu Pai, como militar , se encontrava em missão.

Frequentei a 1ª e 2ª classes em Luanda, num colégio particular. De regresso ao continente, frequentei a 3ª e 4ª classes numa escola pública, em Vila Real.

Frequentei o ensino liceal no então Liceu Nacional de Vila Real (Camilo Castelo Branco), do 1º ao 7º anos.

Seguiu-se a frequência do ensino superior na Faculdade de Letras de Lisboa, Filologia Germânica, de 1958 a 1962.

Chamado para o Serviço Militar em 1962, frequentando o 4º ano, fui mobilizado para Angola, pelo que interrompi o curso.

Terminado o serviço militar em Dezembro de 1965, concluí o 5º ano, preparei e defendi a tese, tendo-me licenciado em 1967.

Fui colocado, como Professor Eventual, no Liceu de Vila Real de 1967 a 1970, período durante o qual tirei o Curso de Ciências Pedagógicas, na Faculdade de Letras do Porto, 1969/1970, condição exigida para a frequência do estágio.

Fui admitido a estágio no Liceu Salvador Correia em Luanda, de 1970 a 1971, por desejo próprio e retorno às raízes, fiz o respectivo Exame de Estado e regresssei ao continente, sendo colocado no Liceu Garcia de Orta em 71/72, como Professor Agregado.

Em 1972 tomei posse como Professor Efectivo no então Liceu Nacional de Matosinhos, hoje Escola Secundária Augusto Gomes.

Convidado a abrir uma Secção Liceal em Paredes, aceitei o desafio e fiquei na situação de destacado no Liceu Garcia de Orta, em comissão de serviço na Secção de Paredes – Douro , com funções de Comissão Instaladora.

Até 1972, desempenhei funções de Auxiliar do Director de Ciclo no Liceu de Vila Real, com tarefas diversas, como estatísticas, cadernetas escolares, faltas, organização do serviço de exames, etc..

No Liceu Garcia de Orta desempenhei funções idênticas como Auxiliar do Director do 2º Ciclo, entre 71 e 72.

Para além de cargos escolares, fui co-responsável pela organização de actividades circum-escolares no Liceu de Vila Real, de que faziam parte, o jornal escolar, grupo de teatro, grupo coral e outras que integravam as festividades realizadas em Dezembro, na cidade, e actividades de encerramento do ano lectivo.

Apesar do trabalho imenso que constituiu a instalação da Secção (72/74) fui também co-responsável, com

um grupo de Professores, pela organização de algumas actividades de carácter cultural e desportivo, como um espectáculo realizado no Teatro local e um ciclo de conferências sobre 'A Escola e a Comunidade', em que participaram entre outros, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues, Reitor do Liceu Garcia de Orta e D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, com impacto na comunidade.

Não foi fácil a decisão para assumir a responsabilidade de instalação da Secção em Paredes. A primeira reacção é dizer Não! Contudo, os argumentos usados foram de tal ordem, que não pude resistir. Há assim momentos na vida!

De qualquer modo, fica aqui o testemunho de quão gratificante foi aquela experiência e que serviria para, no futuro, assumir outras responsabilidades.

A princípio interroguei-me:

Porquê criar uma Secção Liceal em Paredes, ainda por cima dependente de um Liceu do Porto, quando em Penafiel existe um Liceu recentemente instalado?

Que tipo de comunidade escolar vou encontrar?

Com que tipo de apoio posso contar da Autarquia?

Com que pessoal de apoio posso contar?

Que apoio me é dispensado da Escola Mãe?

Como serei recebido pelo meio?

Para todas estas interrogações foram encontradas respostas, felizmente.

Constatei, depressa, que perante a tarefa que tinha diante de mim, não tinha outra solução senão mudar-me de armas e bagagens para Paredes. Instalei-me na Pensão do Parque, junto da Câmara Municipal, e mais tarde aluguei casa.

Bem cedo começaram a aparecer na Escola alunos ansiosos, e porque não curiosos, perguntando quando abria. Daí a ter alguns como companheiros e ajudantes, foi um passo. Era interessante vê-los a colocar carteiras e cadeiras, estantes, mesas e todo o material necessário, trancar portas, abrir portas e com que entusiasmo.

Da Autarquia recebi de facto também todo o apoio necessário.

Do ponto de vista pedagógico e logístico, o Liceu Garcia de Orta foi de uma grande colaboração, como não podia deixar de ser e como me tinha sido prometido.

Arrumada a Escola, decorria o concurso de Professores, organizavam-se os espaços, distribuía-se o serviço

docente e faziam-se os horários de professores e alunos. Do número de professores, número de turmas e número de alunos não me recordo.

As aulas abriram, como se costuma dizer, e tudo seguiu o seu curso normal.

Nos primeiros tempos, o Vice-Reitor foi também contínuo (abria e fechava a Escola), funcionário de secretaria (matrículas, cópia de testes dos professores, ainda em stencil, listagem dos alunos por turmas e tantas outras tarefas que ao sector incumbiam).



Foram entretanto colocadas duas contínuas, um funcionário para a secretaria e mais tarde uma cozinheira, quando começou a funcionar o refeitório.

Foi uma tarefa árdua pois, para além das funções de

direcção, tinha distribuída a leccionação de duas turmas (3º e 5º anos) e deslocações sistemáticas ao Liceu Garcia de Orta, para despacho, dado que do ponto de vista financeiro dependíamos da casa mãe.



O velho edifício, palacete da Granja, sofreu obras de adaptação, mas como é óbvio, estava longe de ser apropriado a uma Escola, como hoje a concebemos.

Para a época, e para as circunstâncias em que foi criada, ela significava uma mais-valia para a comunidade, a saber :

- alunos mais próximos de casa
- menos uso de transportes
- um contributo para a dinamização da vila
- mais um elemento de identidade local
- mais facilidade de contacto dos encarregados de educação com a escola

Relativamente à atitude dos pais e encarregados de educação, nada há a assinalar. Sempre se estabeleceu um diálogo correcto e construtivo. Quanto aos alunos, excepto um caso ou outro, tinham comportamentos adequados, próprios da idade, nada havendo a assinalar de relevante.

As carências físicas da Escola eram muitas : ausência de espaço de leitura/biblioteca, de instalações para educação física quer cobertas, quer no exterior para prática de desportos, de espaço de reprografia, espaço para reuniões, etc. . O que existia era absolutamente improvisado e feito com o empenho de toda a gente. Lembro que a ginástica, em tempo de chuva, era feita na cave do edifício, que foi adaptada, mas em precárias condições.

Relativamente ao vencimento dos Professores em início de carreira, não me recordo. O Vice-Reitor recebia uma gratificação cujo montante não lembro também. Por coincidência, sei que em 1969, um Professor em início de carreira auferia o vencimento de 4. 550\$00.

De facto a revolução do 25 de Abril aconteceu no segundo ano de funcionamento da Escola. Foram tempos difíceis como todos sabemos, mas a Escola viveu tempos de excepção. Não houve manifestações, nem contestações que era o que havia por toda a parte. A palavra generalizada no país era o ‘saneamento’. Não fui contestado nem saneado. Foi eleita uma Comissão, por determinação superior, que ficou a dirigir a Escola. Da sua constituição não me lembro. Devo acrescentar que só saí por determinação legal. Foi dada como finda a minha comissão de serviço em Paredes, pelo que me apresentei no Liceu Nacional de Matosinhos, onde era Professor Efectivo.

LINGUISTA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA PARTICIPA NUMA CONFERÊNCIA EM PAREDES

Realiza-se no início do 2.º período, em 19 de Janeiro, no auditório da Escola Secundária de Paredes, uma conferência sobre o novo acordo ortográfico que terá como orador o Prof. Dr. João Malaca Casteleiro.

A palestra, intitulada “ Implantação do Novo Acordo Ortográfico no Ensino”, será proferida pelo professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigador de renome, responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e pela coordenação científica do *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. Malaca Casteleiro foi orientador científico do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, um dos primeiros instrumentos para a implementação do Acordo Ortográfico. Em meio académico, o professor vai falar aos docentes das escolas do Vale do Sousa sobre a uniformização ortográfica da língua portuguesa.

PARA RIR

A Professora, zangada :

- Então, menino ! Já perguntei isto mais de uma vez : quem é que escreveu “Os Lusíadas” ?

Um aluno, lá do fundo da sala, timidamente :

- Eu não fui, senhora Professora !

CLUBE DE LEITURA

OS LIVROS QUE LEMOS

...poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho até ao seu coração.

Carlos Ruiz Zafón

Nesta página divulgaremos alguns títulos de que o clube de leitura dispõe e que recomendamos.

A Sombra do Vento é o primeiro romance de Carlos Ruiz Zafón, escritor de Barcelona, cidade que percorremos com curiosidade e algum deslumbramento ao longo das páginas do livro.

Não constituindo a estreia literária do escritor, que anteriormente já publicara contos premiados, como *El Príncipe de la Niebla*, *A Sombra do Vento*, traduzido em mais de vinte línguas, conquistou um público muito vasto e tornou-se um dos maiores êxitos internacionais da literatura espanhola actual.



Trata-se de um romance em que se vão sucedendo e desvendando mistérios, alguns míticos, como é o caso do cemitério dos livros esquecidos, lugar mágico e secreto que aparecerá noutros romances do autor, como *O Jogo do Anjo*, e que só alguns, raros, têm o privilégio de conhecer, como Daniel, o protagonista, a quem o pai revela:

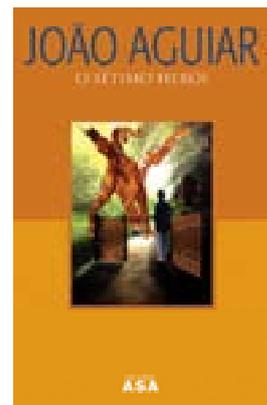
“- Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que alguém desliza o olhar pelas suas páginas, o seu espírito cresce e torna-se forte. (...) Neste lugar, os livros de que já ninguém se lembra, os livros que se perderam no tempo, vivem para sempre, esperando chegar um dia as mãos de um novo leitor, de um novo espírito. Na loja nós vendemo-los e compramo-los, mas na realidade os livros não têm dono. Cada livro que aqui vês foi o melhor amigo de alguém. Agora só nos têm a nós, Daniel. Achas que vais poder guardar este segredo?”

E foi assim que Daniel Sempere se tornou o guardião do livro de Julián Carax, *A Sombra do Vento*, e da sua fascinante história.

Recomendado para alunos do ensino secundário e

obrigatório para todos os que gostam de ler.

Recentemente falecido (Junho 2010), João Aguiar marcou a literatura portuguesa das últimas décadas no género romance histórico através do qual, aliás, se celebrou ao publicar, em 1984, *A Voz dos Deuses*, a que se seguiram muitos outros. Dedicou-se, ainda, à literatura infanto-juvenil em que se insere *O Sétimo Herói*, recomendado, especialmente, a alunos do ensino básico.



O protagonista é Jorge, um tímido adolescente de dezoito anos, que, ao contrário de muitos jovens da sua idade, desenvolveu uma grande paixão pela leitura e que conta com muito poucos amigos. No entanto, de forma algo inesperada, vê-se arrastado para um mundo mágico que, supostamente, deverá salvar, e em que, contrariando a sua existência apagada, passa a ser o centro das atenções de uma estranha população constituída por fadas, elfos e criaturas afins que, mercê do facto de o rapaz usar óculos, algo nunca ali visto, o denomina de Olhos duplos.

É neste contexto que um jovem com perfil em tudo de anti-herói se vê, de repente, e contrariando todas as expectativas, guindado à categoria de herói, demonstrando que com força de vontade e uns salpicos de imaginação tudo é possível.

Boas leituras,

Olga Brochado

HUMOR

Reunião para Sexta-Feira

No gabinete do Ministro :

- Marca uma reunião com os secretários e com os assessores, para sexta-feira – diz o ministro.

- Sexta-Feira é com “s” ou com “x” – pergunta o chefe do gabinete.

O ministro, após pensar um pouco responde :

- Marca para quinta-feira!

HEDDA

(Núcleo de Teatro)

22-Out-2010. Em frente ao Teatro Nacional de São João, o grupo divide-se e, nos momentos que antecedem a abertura da sala, alguns decidem dar um saltinho à Fnac mais próxima. Alunos e professores vêm para ver Hedda de José Maria Vieira Mendes (baseada na Hedda Gabler de Ibsen), uma criação Artistas Unidos com encenação de Jorge Silva Melo.



Por volta das 21h30 tem início o espectáculo. O elenco é constituído por Maria João Luís, como protagonista (Hedda), Lia Gama (Tia Juliana), António Pedro Cerdeira (Jorgen Tesman), Marco Delgado (Eilert Lovborg), Cândido Ferreira (Juiz Brack), Rita Brütt (Thea) e Inês Mesquita (piano). O cenário leva-nos à sala de estar da casa para onde Jorgen e Hedda Tesman acabaram de mudar-se. As paredes decoradas com cores frias (verde, azul, violeta) e motivos naturais contrastam com o vermelho do canapé colocado ao centro, entre alguns livros e garrafas pousados no chão. É ainda parcialmente visível uma divisão mais pequena, ao fundo, que contém um piano.

É nesse espaço que se nos revela Hedda, na brilhante performance de Maria João Luís, que tão profundamente dá corpo à personagem. Hedda pensa, Hedda lembra-se, tudo na peça – aliás, a peça – é Hedda, e quando ela sai de cena tudo se cala. Entre Hedda e o público cria-se uma empatia, no sentido em que o universo tão real e tão ficcional a que Hedda se reporta, toda a indefinição, as perguntas, a angústia e a estranha solidão que culminam com o seu suicídio nos tocam a todos, e sentimos necessidade de compreender, de encontrar uma resposta – embora Hedda seja acima de tudo a incompreensão, a busca. Hedda não sabe o que quer ou quem quer – fundamentalmente porque não quer

sabê-lo. Quer apenas escrever as suas próprias palavras, escolhê-las – ser Hedda, somente Hedda, “nem a filha do seu pai nem a mulher do seu marido”. Um conjunto de perguntas. Quem somos? O que queremos? De que gostamos? Porque não gostamos? O que nos traz aqui e o que nos leva para longe?

Porquê?

Hedda não encontrou a sua casa, “ainda não”, não aqui. Quer parar e quer andar de comboio, quer estar longe e estar perto, quer gostar e quer não gostar, ser quem é e ser o oposto; e o disparo final com o qual põe termo à vida não surge estranho ou inesperado, antes irreal – o suicídio não quebra a tensão na atenção do público, a ansiosa distância não tem um fim. Hedda não começa nem termina, talvez nem aconteça. Jorgen di-lo quando Hedda tomba: “É impossível.”. Hedda é impossível, e no entanto está ali, e foi ela que criou essa impossibilidade. E toca-nos, não sabemos ao certo como, não sabemos ao certo porquê.

Porquê?

Uma encenação cativante, um elenco incrível, uma Hedda perfeita. A estranheza causada, o impacto, o texto – “Aprende comigo. Vê-me a fazer. Talvez um dia sejas capaz. De escrever as tuas próprias palavras.” – fazem pensar. Preenchem.

Valeu a pena, tenho a certeza. Ver Hedda valeu a pena porque, para além de, como todas as boas peças, ter sido uma experiência culturalmente enriquecedora, interessante e diferente, Hedda altera a nossa relação connosco próprios, complementa-a. Faz-nos reflectir. Afinal, quem é Hedda?

Beatriz Soares 10ºB

ADIVINHAS

- 1- O que é que é, cai no chão, não se quebra, vai à água e logo quebra?
- 2- Abstractos ou concretos, Há-os por aí aos milhões, Saem sempre nos decretos, Nos cheques e nas acções.
- 3- É uma caixinha de bem-querer, não há carpinteiro que a saiba fazer.

BIBLIOTECA

É com imenso prazer que anunciamos a toda a comunidade que a Biblioteca da Escola Secundária de Paredes já se encontra praticamente equipada. Faltam, apenas, os computadores, mas a sua chegada está para muito breve!

Apesar de tudo, as actividades previstas para este espaço vão decorrendo, e qualquer constrangimento é superado pelo espaço agradável que a Biblioteca proporciona. Assim, vamos dar aqui conta daquilo que se foi concretizando.

Durante todo o mês Outubro, como já vem sendo hábito e por determinação da IASL (International Association of School Librarianship) comemorou-se o Mês Internacional das Bibliotecas Escolares. O dia 25 de Outubro de 2010 foi designado o dia das bibliotecas escolares em Portugal, tendo como lema “Diversidade/Desafio/Mudança, tudo isto na Biblioteca Escolar”. No sentido de assinalar esta efeméride, foi criado um painel ilustrativo e os alunos do 7º ano deslocaram-se à BE para assistirem ao filme “Ágora”, que faz referência à lendária biblioteca de Alexandria. Já em aula, os alunos, com a ajuda da professora de Área de Projeto, debateram algumas questões presentes num pequeno desdobrável fornecido pela BE.

A Biblioteca também teve o prazer de acolher e apoiar algumas actividades levadas a efeito por alguns departamentos. Desta forma, no início de outubro, para comemorar o Centenário da República, o grupo disciplinar de História expôs, na biblioteca, um conjunto de marcadores de livros elaborados pelos alunos do ensino básico, assinalando a efeméride e levou a efeito umas palestras para os alunos do ensino secundário, que decorreram no espaço da BE.

O Clube de Espanhol, com sede na Biblioteca, assinalou o Dia de la Hispanidad (12 de outubro), mas utilizou o átrio da escola para a exposição dos trabalhos dos alunos.

No mês de novembro, o grupo disciplinar de Geografia desenvolveu uma série de actividades que também passaram pela Biblioteca.

A Feira do Livro, realizada nos dias 23, 24 e 25 de novembro, dinamizada pelo Clube de Leitura ocupou a biblioteca e proporcionou momentos de convívio entre alunos e professores, sempre em contato com os livros.

Aproveitamos para relembrar que as inscrições para o IV Concurso Nacional de Leitura continuam a decorrer, porque Ler é Fundamental.

E assim, continuaremos! O próximo mês trará mais novidades!

A equipa da Biblioteca Escolar

Poesia

Sou um ser indefeso,
não sei o que fazer.
Tenho tanto medo
de nunca mais te ver.
Amo-te para sempre,
eterno amigo.

Tu não tens pele.
Quão difícil é tocar-te!
Mas assim sinto
Quão difícil é deixar-te.
Amo-te para sempre,
eterno amigo.

Queria ter-te comigo,
só mais uma vez.
Queria ter-te comigo,
mostrar o que o amor me fez.
Amo-te para sempre,
eterno amigo.

Daniela Silva. 10.ºG

PROVÉRBIOS DE NOVEMBRO

Do São Martinho ao Natal, o médico e o boticário enchem o bornal.

Dia de São Martinho, lume, castanhas e vinho.

Se o Inverno não erra caminho, te-lo-ei pelo São Martinho.

Novembro pelo São Martinho, comem-se as castanhas e prova-se o vinho.

PELO PRAZER DE SABER

No Princípio havia a Harmonia e a Ordem Cósmica, que proporcionavam o equilíbrio entre todas as coisas, mas instalou-se a Desordem.

É assim que começam todas as explicações cósmicas.

A Felicidade era dada. A Infelicidade era construída.

Na grande incapacidade de se comunicar implantou-se a grande capacidade de não se comunicar.

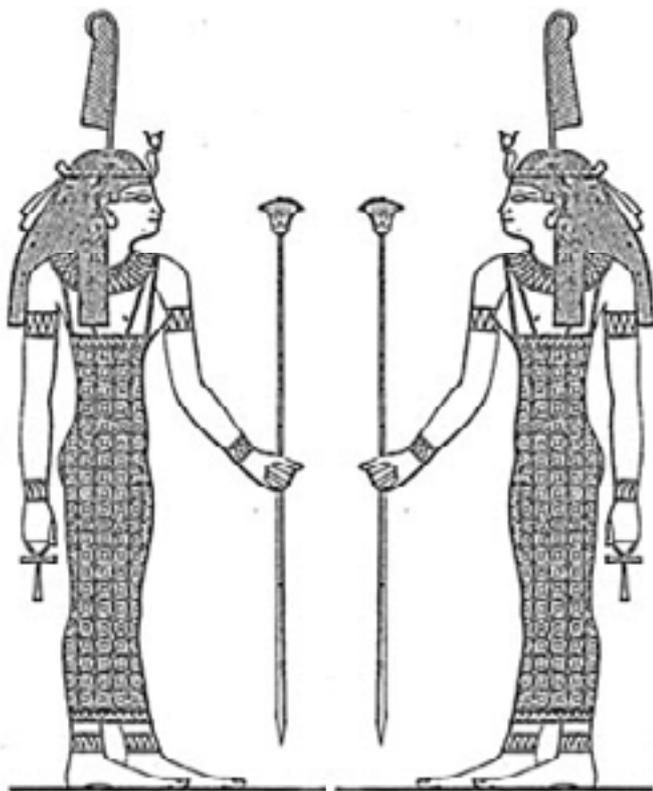
O próprio Tempo criava contradições. O corpo físico adoecia e regenerava-se. A alma adoecia e fazia adoecer o corpo.

As doenças da alma tomavam uma infinidade de formas. Subtilmente invadiam todo o ser e espalhavam o Caos e o Terror à sua volta. Era o domínio da incompreensão, da inveja, do desalento, do mal-estar.

Mas a Harmonia, a pouco e pouco, voltava a estabelecer o Equilíbrio e o Tempo ajudava na cura que retirava as energias da Natureza.

A Deusa Egípcia Maât – Justiça e ordem cósmica.

Luís Manuel Garcia



POESIA

Sei que um dia irás reparar
no meu existir, no meu amar.
Sinto-me perdida no teu olhar!

És a razão do meu existir,
do meu pensar, do meu sentir.
Sinto-me perdida no teu olhar!

Ao reparar no teu olhar,
sei que um dia me irás amar.
Sinto-me perdida no teu olhar!

Tudo o que te digo é natural,
sincero e real.
Sinto-me perdida no teu olhar!

Ser feliz eu terei que conseguir,
para que no fim consiga resistir.
Sinto-me perdida no teu olhar!

Com o teu despertar,
vivo o meu amar.

Mafalda Lúcio 10.º G

O VERDADEIRO MUNDO...

Sente o Sol em cada amanhecer, como um beijo inesperado, chegado do frio. Vindo do nada, sentido profundo.

Sente o vento passar como uma carícia de alguém que te gosta.

Ouve o canto do passarinho no nada, e nele encontra aquela declaração de amor que desejas.

Olha o espelho. E nele vê o amanhecer de um mundo. O cantar profundo. O sentimento eterno. O mais belo que existe.

Contempla a tua figura.

Não és pessoa.

Mas o verdadeiro mundo.

Sara Costa 11ºC

“SEMANA DA ORIENTAÇÃO”

Entre os dias 15 e 19 de Novembro foi desenvolvida uma actividade do grupo 420 - Geografia que consistia numa exposição subordinada ao tema “Cartografia e Orientação”. Esta actividade teve como objectivo desenvolver o gosto pela disciplina através de actividades lúdicas.

Para além da exposição de mapas e instrumentos de orientação foram também expostas rosas-dos-ventos construídas pelos alunos do sétimo ano de escolaridade. É de salientar que os alunos aderiram a esta actividade com entusiasmo, mostrando muita criatividade e empenho. Os restantes materiais expostos, cartografia, bússolas, curvímetros, estereoscópios, entre outros, foram cedidos pelo departamento de Geografia da FLUP.

Nos dias 17 e 18 realizaram-se actividades formativas dentro da Biblioteca e na Sala dos professores dinamizadas por três professores do Curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Para estas actividades foram escalonadas todas as turmas de 7º ano, visto ser neste nível de ensino que são leccionadas estas temáticas dentro da unidade didáctica “Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre”, e todas participaram activamente fora do seu horário lectivo.

Nestas pequenas oficinas de formação foram desenvolvidas as seguintes actividades:

1º- 60 min na Sala professores, com uma parte das turmas, onde lhes foi explicada a importância da orientação e dos processos que podemos utilizar em várias situações;

2º- 60 min os alunos divididos em pequenos grupos, pela Biblioteca, tiveram a oportunidade de ver e manusear diversa cartografia e realizar pequenos exercícios.

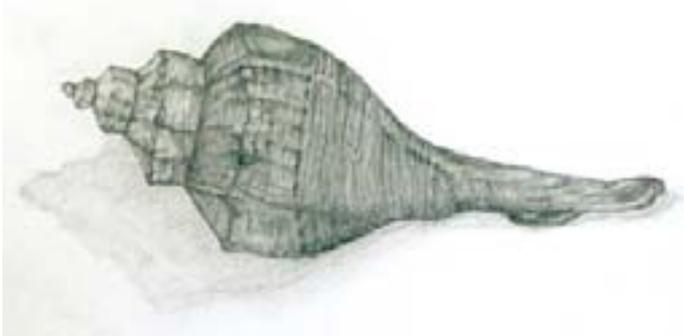
Durante o funcionamento destas actividades esteve a ser apresentado no écran gigante um powerpoint com imagens de Rosa-dos-ventos e com a explicação do papel e importância da Geografia.

É de referir que os objectivos propostos pelos professores para esta actividade foram alcançados.

O grupo agradece à Coordenadora da Biblioteca que ajudou a tornar possível a realização destas actividades, assim como ao Sr. Jorge pela sua disponibilidade e colaboração no arranjo dos espaços e montagem da exposição. Agradecemos ainda, de forma especial, aos Professores da FLUP pela sua disponibilidade para colaborar na realização desta actividade e aos nossos alunos pelo interesse e empenho demonstrados.

Os professores Hugo e Delminda





Desenhos de Ana Filipa e Nuno Moura, 10º I.



GRIFE “A” OU NÃO HÁ?

Penso que é seguro afirmar que já toda a gente se esqueceu ou se deixou de preocupar com a gripe A, o que me leva a pensar: porquê?

Uma gripe que afectaria um terço da população mundial nos próximos anos desapareceu assim das preocupações da população, como se de uma casualidade se tivesse tratado? De facto, a gripe A (também conhecida por gripe suína) ainda existe e já afectou uma parte da população mundial, mas não provocou os “estragos” previstos. É depois de analisar tal facto que eu penso que tudo pode não ter passado de mera especulação.

É verdade que ela existe, e que pode ser perigosa em casos extremos, mas a gripe sazonal não é muito melhor. Toda esta prevenção contra a gripe A, que incluía a venda e distribuição de vacinas, pareceu-me um bocado exagerada, e quem sabe enganosa. Diversas entidades lucraram com tais vendas, ao mesmo tempo que desviavam a atenção da população da crise em que estávamos (e ainda estamos) a atravessar.

Foi aí que me lembrei que já não é a primeira vez que isto acontece. Aconteceu com a doença das vacas loucas e com a gripe das aves. Em todos estes casos, houve interesses económicos evidentes, quer por parte dos media e dos fabricantes dos medicamentos, quer por parte dos dirigentes de cada país.

Porque será que uma doença considerada tão devastadora e que foi encarada com tanto alarmismo de repente parece ter sido esquecida ou tratada como vulgar? Eu não sei, mas que deu jeito a muita gente...

Ricardo Carvalhinho 12º E



A INTELIGÊNCIA

Ser inteligente ou não, não deve ser “medido” pelas notas e sucesso escolar. A inteligência é algo único e adimensional... não tem uma medida (é claro que podemos avaliá-la através do Q.I. (quociente de inteligência)) mas não podemos medi-la em aspectos mecânicos que nos são ensinados na escola.

No nosso país, há imensas pessoas cujo percurso escolar não é propriamente o mais brilhante. E na verdade, muitas delas não conseguem ser melhores que aquilo que são. No entanto, muitas outras (desse mesmo grupo) apenas não conseguem mecanizar e passar para o papel o que aprendem numa aula. Mas quando passamos a campos nos quais essas pessoas se sentem à vontade, as coisas mudam de figura. Por exemplo alguém que seja analfabeto, pode perfeitamente ser mais inteligente que qualquer um do ensino secundário da nossa escola, não apenas por saber muito acerca de um determinado tema, mas por a sua vida lhe ter feito aprender certas coisas que muitos de nós nunca saberemos.

A verdade é que todos nós nos esforçamos na escola à procura de sucesso para que sejamos reconhecidos pelos nossos colegas, pais, amigos e até por nós próprios. No entanto, muitos de nós esquecem-se que viver, experimentar, ver um pouco de televisão, etc. também nos ajudam a aprender, dando-nos muitas das vezes conhecimento que é mais necessário que o que obtemos, muitas das vezes, numa aula, não só por ser conhecimento que arrecadamos através das vivências diárias (no caso do viver socialmente, experimentações, etc) mas também porque (e isto certamente todos já nos apercebemos disto) até mesmo um programa televisivo (nomeadamente um documentário) mostra-nos e ensina-nos muito que nos é útil para as nossas disciplinas escolares.

Sendo assim, a inteligência não se pode medir pelas notas de uma pauta... mas pudemos avaliá-la pelo desempenho de alguém e a sua rapidez em raciocinar em variadas situações do dia-a-dia.

João Dias 12º E



Diana Maria 10º I

CRÓNICA



Fizeram-me uma proposta que consistia numa viagem por mais uma escola do nosso país, a Secundária de Paredes. Aceitei e rumei para lá.

Cheguei com um céu lindo, estava claro, mas mal entrei nos portões, ele ficou negro, senti o aroma a novo, mas nem isso fez com que houvesse algum interesse por parte dos alunos. As flores murcharam com os olhares, os pássaros deixaram de cantar e ouvia um constante barulho pelos novos corredores da escola. Ouvia o sentimento de saudade, ouvia palavras, ouvia abraços e ouvia um pouco de tudo ou de nada.

Avancei e, enquanto avançava, via pessoas diferentes, umas com entusiasmo pelas aulas mesmo sendo contáveis pelas mãos e outras a bocejar e ainda com os sonos trocados. De repente, a maioria juntou-se aos outros e o sossego desapareceu. Decidi regressar ao exterior onde vi miúdos a jogar à bola, a correr, a sorrir e a tentar transparecer que estavam bem mesmo eu sabendo que não estavam, aliás notava-se pelo olhar, pois não é só um sorriso que vale mais que mil palavras e eu sabia que por detrás daqueles sorrisos eram lágrimas encobertas, esperanças falhadas e muitas vidas inacabadas.

No entanto, tinha e tenho uma certeza, se o que digo está errado o céu estaria claro e não carregado de nuvens com imensas gotas, ou será que são lágrimas?

Afinal não tenho certezas.

E acaba assim a minha viagem, a minha misteriosa e confusa viagem.

Daniela Silva 10.º G

DESCULPE, PODE REPETIR !?

“Na vida de hoje, o mundo só pertence aos estúpidos, aos insensíveis e aos agitados. O direito a viver e a triunfar conquista-se hoje quase pelos mesmos processos por que se conquista o internamento num manicómio : a incapacidade de pensar, a amoralidade e a hiperexcitação”.

FERNANDO PESSOA, O Livro do Desassossego



De lição em lição
cresce a casa e o habitante.
Erguem-se os alicerces
do futuro,
abrem-se as janelas
do pensamento.
É breve a construção das paredes
mas perpétuo
o crescimento do Homem.

Catarina Babo 12^ºI